PORTE PAGO
AVENÇA

O Gaiato

Quinzenário * 12 de Março de 1977 * Ano XXXIV — N.º 861 — Preço 2$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo * Director: Padre Luiz

TRINTA E TRÊS ANOS

Completou-os O GAIATO no passado 5 de Março. Celebra-os o presente número. E faz a festa, enroupado de cor, com a costumada Colaboração dos Leitores e a preciosa palavra de Pai Américo escrita há trinta anos para o terceiro aniversário:

«Eu era para dar este número à estampa com aparato de aniversário. Era. Ele completou justamente três anos nos primeiros dias do mês. Gostaria. Mas os trabalhos crescem. Os ajudantes não aparecem. Os que tenho ao pé de mim, ajudam-me... a mais trabalhos. Se os chamo, trocam as letras, erram as palavras, sujam os dedos, o papel e o chão! É tinta.

Mas há mais. Os meus colegas da Imprensa não saúdam. Não digo os diários. Isso nem pensar. Falo dos pequeninos como eu. Os quinzenais. Os semanais. Os meus colegas. Ninguém faz caso. Já quando foi do Congresso da Imprensa Católica em Braga, O GAIATO ficou à porta. Ora eu, de desgosto, não faço festa este ano.

Mas isto não é luto. É sentimento. Quanto ao mais, tudo vai bem. Estou mesmo em dizer que, no género, é O GAIATO quem leva a camisola amarela. Os Leitores não se cansam de o gabar e pedem mais.

Pois que o nosso Bom Deus faça dele um instrumento de Paz. Aonde o ódio, que ele difunda o amor. Aonde a discórdia, a união. Aonde o erro, que ele plante a verdade. Aonde a dúvida, a fé. Aonde o desespero, a esperança. Aonde as trevas, luz.

Que ele, o humilde festejado, procure mais consolar do que ser consolado. Antes compreender do que ser compreendido. De preferência a ser amado, que ele ame. Visto como é no dar que se recebe, no perdoar que somos perdoados, no morrer que ressuscitamos para a Vida Eterna.

Esta tirada não é da minha caneta e os meus passos vêm a dizer isto mesmo há três anos, ainda que por outras palavras. E tanto assim é que, se eu me não confessasse, os Leitores haviam de tomar por minhas as palavras daquela oração, de afeitos que andam a escutar-me. Mas não. O seu a seu dono. Cada um tem o seu estilo, suas qualidades, seus defeitos, sua história e quantos a sua tragédia! Quem pode despir esta roupa? Quem pode vestir a d'outrém? São bens pessoais. Terrivelmente pessoais. Sim. A sua tragédia! Tragédia que importa viver até ao fim.

De uma vez um moço veio ter comigo, curioso. Queria saber para quê um Jesus Crucificado e porque não simplesmente um Jesus nado. É que ainda não sofres, disse eu com os meus botões. O moço regressou com a sua curiosidade por satisfazer. Quem pode compreender uma loucura qual a da Cruz?! Aonde a inteligência? E no entanto, sem a compreender, o mundo das almas necessita do Louco da Cruz. Nunca o mundo das almas viveu sem Ele. Antes do Calvário, era a promessa. Agora, é o facto. Se não fora a tragédia do Calvário, quem poderia, sem desesperar, viver a sua pequenina tragédia? O moço foi-se embora. Hoje não, porque moço. Mais tarde, com anos e desenganos, sim. Há-de compreender.»

FESTAS

Este ano não contava haver Festas no Centro do País, que é a nossa zona. Não contava e andava muito caladinho. As pessoas amigas que já me têm perguntado, tenho respondido com o meu não saber.

Mas a bomba rebentou! Bomba benéfica e mensagem de paz e amor, não como tantas que têm rebentado pelo nosso mundo além e só têm destruído e causado guerra e ódio. A bomba ia rebentando por um ou outro que muito de mansinho e veladamente quis saber a minha opinião. E rebentou em cheio no domingo passado quando, depois de nos reunirmos à volta do Altar, nos reunimos no escritório.

Os convocados foram os que desde a primeira Festa (já lá vão tantos anos!) tiveram a maior responsabilidade delas e os que nos últimos anos mais têm ajudado: Carlos Manuel (o da dianteira e agora o organista), João (o homem da flauta, da voz sonora, pau para toda a colher), «Lita» (o curso de engenharia ajuda-o a realizar programas e a pô-los em acção), Martins (o homem da montagem dos palcos e das instalações), Manuel António (o apaixonado por todas as Festas e agora ainda mais com a viola), Ribeiro (voz de cantor e de cantadeira, se preciso for).

E se algum foi para esta reunião à procura de lã (como eu fui um pouco) veio de lá tosquiado. Cada um falou por sua vez e todos que sim. Fui o último e que havia eu de dizer?!... Bem quisera dizer não, mas... sempre Pai Américo procurou seguir uma linha orientadora de sã democracia e nós temos procurado imitá-lo. Se fosse uma linha de democracia como tantos para aí apregoam e só aceitam o seu parecer ou o parecer do seu partido ou de seu grupo..., cada um de nós teria ficado na sua. Assim, o sim teve que ser de todos.

Que razões lindas eu ali escutei a darem a razão de ser das nossas Festas! O bem que fazem aos rapazes, ajudando-os a descobrir qualidades! A ansiedade e alegria com que todos nos esperam e nos recebem! O pão que trazemos para casa! Os ambientes de paz, alegria, amor que se geram nas salas das nossas Festas! A paixão de amor-são dos nossos mordomos em cada terra! O bem interior que cada um leva para a própria vida! Tudo e todos foram razões fortes a opor-se à minha. E assim... já ficaram a trabalhar (alguns já tinham muita coisa planeada) para que as Festas nas terras do Centro sejam logo a seguir à Páscoa, como de costume.

Atenção Coimbra, Miranda do Corvo, Lousã, Arganil, Covilhã, Fundão, Castelo Branco, Abrantes, Tomar, Leiria, Figueira da Foz, Mira, Cantanhede, Mealhada, Anadia. Muita atenção. E, para já, tomem nota das Festas nortenhas, cujas datas indicamos na última página.

Padre Horácio

O GAIATO faz a festa com a preciosa palavra de Pai Américo escrita há trinta anos.

COLABORAÇÃO DOS LEITORES

«Não vos escrevo mais vezes para não vos tomar tempo. Depois, eu sinto muito e sei dizer pouco. Por isso deixo que outros exprimam o que eu não sei exprimir.»

Aqui está uma palavra de Leitor que frequentemente nos apetecia fazer nossa, deixando aos Leitores largo espaço na redacção de O GAIATO. Que eles o têm sempre! Que não sai número algum que não recolha pedaços de almas e as não transmita! Que este dialogar de coração a coração é uma das características mais específicas que fazem das linhas deste jornal vida que pulsa e se transfunde em caudais de sangue sempre renovado e renovador!

O que aí vai não foi escolhido. Segue a eito de um maço enorme de cartas guardadas na roda do ano, de onde vamos retirando. Muito mais é o que fica. Quem sabe se testemunhos ainda mais expressivos?... Não importa. Cada um traz a marca de uma alma que tem necessidade de se exprimir e exprime como sabe. A sinceridade é a eloquência de quem escreve. A humildade, o estofo acolhedor de quem lê.

Assim se dá e se recebe. Palavra e silêncio são dois tempos de uma melodia divina que o Espírito harmoniza. Só o Seu sopro é portador de vida. E Ele sopra! A vida de O GAIATO é argumento.

«O FAMOSO»

«Quero-lhes agradecer, pelo facto de o meu pedido feito acerca da oportunidade de receber ou não o vosso jornal, ter sido aceite.

Já recebi alguns jornais vossos, o que muito me alegra.

Não sei se tive oportunidade de dizer na carta anterior que sou uma filha jovem de 18 anos, estudante e trabalhadora. Trabalho numa Creche com um grupo de crianças. Daí a minha vontade de ler algo escrito por elas, para as compreender nos diversos aspectos de suas vidas.»

□

«Sempre que leio o vosso /nosso jornal, (inadjectivável, sobretudo pelos extraordinários serviços que presta) rara é a vez que não sou tocado pela comoção — aquela comoção que se experimenta ante uma cena amorosa, uma obra de arte, um gesto solidário e fraterno, etc.

Para mim — como para muita gente, ao que vejo — o nosso jornal é um bálsamo, um oásis no deserto das nossas vidas, que nos dessedenta e revigora para nova caminhada.

Mas também é um incómodo como violento (no bom sentido) despertador de consciências adormecidas. Um aguilhão para os instalados.

Na verdade, para além de um «repositório peródico» de exemplos vivos que a todos dizem respeito e a todos deviam tocar bem de perto, ele é, ao mesmo tempo, um forte como insinuante vínculo de união, de comunhão fraterna estreita entre os que sofrem. Em particular dos desfavorecidos e humilhados.

É, ainda, ou tenta ser, uma fonte possível entre os chamados «deserdados» (que de geração em geração só têm podido transmitir aos seus o estigma de explorados e ofendidos, algum mal hereditário fruto do seu tipo de «vida», o desespero dos dias tísicos, cancerosos, insalubres, destelhados, etc.) e, em especial, os que, tendo algo de seu (?), via da regra, um salário já de si insatisfatório, não esquecem os marginalizados (talvez por viverem materialmente próximos daqueles). São, significativamente, estes os que mais vezes se ouvem em O GAIATO.

O GAIATO é na realidade um jornal desejado e amado por muita gente. Não só pelo que ele representa, mas também pelo que diz, revela, acusa revolucionariamente.

O GAIATO, como toda a Obra desse admirável e santo (que santidade maior ou outra santidade poderá haver?) Padre Américo, deveria ser considerado instituição nacional («nacionalizada» e «socializada» há muito pela e na prática). A dívida que o País tem para com a Obra da Rua é insaldável. Antes merece (carece) todo o carinho e apoio (desinteressado; ao que parece, já houve alguém **interessado** — no mau sentido, bem entendido — em **se servir** dela) de todos os Portugueses, a começar pelas instâncias governamentais.

No número de O GAIATO que me chegou hoje às mãos, refere-se a publicação pela Inova de uma obra antológica dos textos de Padre Américo. É um passo importante no domínio da divulgação. Mas não basta. A Obra maravilhosa e extraordinariamente rica e estimulante do Padre Américo precisa que se debrucem sobre ela. Psicólogos sociais, sociólogos e pedagogos têm nela um manancial inesgotável para investigação.

Ainda um dia, se me for possível, gostaria de me debruçar sobre ela. Se chegar lá, numa possível tese de licenciatura ou doutoramento. Gostaria muito. O País precisa instantemente de conhecer o Padre Américo e a sua Obra. O interesse nacional o reclama.

Nesta febre — compreensível — que se sente pelo País fora de arriar estátuas e mitos e criar novos (agora, desejam-se diferentes, inteiros, isto é, populares) P.e Américo — o único revolucionário nacional que não abandonou o País para lutar contra a opressão e a exploração (nem ninguém o faria abandonar ou mesmo prender, porque então eram todas as **curraleiras** e **barredos** que seriam exilados ou presos) — merece lugar cimeiro. Ele já o tem — o que é bem mais importante — no coração dos portugueses, em especial dos explorados e marginalizados, os seus Irmãos mais próximos.»

□

«O GAIATO é muito apreciado por nós, porque não mente nem ilude. Ele é a Verdade e procura a Justiça. Que a Luz do Senhor vos ilumine para nos iluminardes através dele.»

□

«Embora com certa irregularidade e com muito atraso, vou recebendo aqui, no Rio de Janeiro, o nosso «Famoso». Como, no entanto, suas palavras são intemporais e sempre actuais, tais inconvenientes não chegam a prejudicar a sua mensagem. Com incontida tristeza, vou tomando conhecimento do calvário da Obra em terras de Moçambique, mas acredito que não terão sido em vão todos os trabalhos e todos os sacrifícios feitos. Se a terra é fértil e a semente foi bem lançada, os frutos hão-de surgir sempre, por mais feroz e diabólica que seja a foice dos inimigos. O sangue também correu nas catacumbas...»

□

«Leio sempre com o maior interesse e ansiedade O GAIATO, jornal ímpar na terra portuguesa e não só, de como traz, seguindo a rota do Padre Américo, da maneira mais cristã, os ensinamentos do Evangelho; que relata Quem tão humildemente nasceu no Natal, para dar a Mensagem e a Doutrina de que «Haja Glória a Deus nas Alturas e Paz aos Homens por Ele amados».

Li no n.º de 4 de Dezembro de 1976, a Mensagem de o CALVÁRIO. Sendo assim, resolvi receber a melhor prenda que este Natal me pode trazer, que é contribuir, modestamente, para que essas duas Velhinhas possam ter um Natal mais quente e, se possível, contribuir para que possam vir a ter uma habitação, pobre, mas dignificante da Pessoa Humana, formada à

OBRA da RUA

«Sou assinante há pouco tempo, mas há muito que admiro a vossa Obra. De facto, fui vizinho do Lar do Porto durante muitos anos. Lembro-me de em pequenita ouvir elogiar as maneiras e o aspecto asseado dos pequenos Gaiatos e de eu própria reparar neles, bem diferentes de algumas crianças oriundas das «ilhas» da vizinhança que, comigo, frequentavam a Escola Normal. Humildes, mas alegres, limpos, educados; nessa idade a minha simpatia pelos Gaiatitos vivia desse aspecto exterior, alimentada pela curiosidade que me despertava ouvir contar como desempenhavam as suas tarefas, como se ajudavam, como eram amigos.

Agora, com tantos anos quantos a vossa Obra, capaz de lhe entender o conteúdo, quando leio sobre o Calvário ou sobre as Conferências ou sobre tudo o resto, sinto-me insignificante e inútil.

Gosto dos Gaiatos com a mesma ternura da minha meninice e é essa que vos envio ao dizer-vos adeus por hoje.»

«Recebi os livros «Calvário» e «Pão dos Pobres». Nada deste mundo os pagará e o que entra dentro de nós através deles, não se pode explicar!

Como o mundo seria melhor se todos nos debruçássemos e nos ajudássemos uns aos outros. E penso muitas vezes, era tão fácil!

Continuai revolucionários do amor, da paz e da justiça, que o Senhor que nunca falta, vos continuará a ajudar para bem de todos nós, neste mundo tão desorientado, em que só o Amor de Deus e o amor aos Irmãos nos dá coragem para caminhar.

Aqui termino para que esta Obra da Rua que deve ser de todos nós, dê abundantes frutos em nossa querida Pátria que tanto já lhe deve.»

«Como já devem calcular sou cristão e sempre apreciei a vossa Obra pois a sua existência no mundo é a realidade concreta de Cristo neste mesmo mundo, pelo testemunho real do amor e fraternidade que Ele pregou e continua a pregar pela voz dos seus ministros e seguidores.»

«Desejo do coração, que a querida Obra da Rua tenha sempre o olhar do Senhor sobre ela para continuar a fazer o bem que sempre tem feito.»

«Junto um vale de correio para a Obra do Pai Américo pela alma de um Francisco que foi admirador dessa grande Obra e me fez amá-la...

Nestas poucas palavras vai a minha admiração por todos os que trabalham e se dedicam aos meus queridos Gaiatos para quem mando um abraço amigo.»

«Caros Amigos:

Muito obrigado pelo bem que me têm feito.»

«Quero ser simples e rápido.

Sou estudante de 21 anos e apaixona-me o trabalho desenvolvido nessa Casa.

Há muito desejava ajudar os meus Irmãos. Perguntava como e obtinha a resposta e a fé moral na Crença da vossa Obra.

Mas como Irmão, resolvi tirar ao meu orçamento (daquilo que poderia gastar em coisas fúteis) e aplicá-lo numa realidade de vida — a Obra do Padre Américo.»

As nossas Edições

«Pedimos desculpa de só hoje agradecer o «Pão dos Pobres» e com uma importância tão pequena, sobretudo se compararmos com o bem imenso que nos faz cada Obra de Pai Américo! Oferecemos por isso ao Senhor o sacrifício de não nos permitir ajudar mais a vossa Obra que sentimos estar cada vez mais certa num mundo em que tanto se fala e tão pouco se faz. «Quem tem ouvidos para ouvir que oiça» — diz o Senhor. Porque continuarão os homens, nós todos, fechados à Sua Palavra?

Senhor, fazei-nos pequeninos e humildes; assim chegaremos até Vós, por intermédio dos nossos Irmãos.»

«Deus queira que a Casa do Gaiato continue a fazer e a irradiar todo o bem de imagem e Semelhança de Deus.

Termino, agradecendo-lhes tanto quanto nos dão com o vosso O GAIATO. Peço a Deus que os proteja sempre, na medida da vossa vocação a favor dos deserdados na Terra.»

«Desobriguei-me hoje, para esta exígua lembrança chegar antes do Natal e para lhes agradecer (antes da lufa-lufa diária me absorver e dispersar) a bonita prenda-dupla que o «Famoso» de 4 do corrente nos oferece: 1.ª — O fresco de ternura e de vida que se começa quando a vida está calendariamente por um fio, que Padre Baptista, em duas felizes e inesquecíveis pinceladas, nos mete pelos olhos e pela alma ao apresentar a cena do casal de velhinhos de 82 anos. Sublime valor humano este da limpeza do corpo e do coração.

2.ª — A personalidade do «47» pondo em contraste a bondade, a disponibilidade e a beleza moral do fisicamente deformado, com a crueldade e malícia dos fisicamente escorreitos.

A minha mulher, que é professora primária, vai utilizar estes dois frescos, tirados do real, como contos de Natal a apresentar às crianças. Servirão para desintoxicar a pestilência da propaganda... que penetrou a Escola Primária. Salutarmente, os discentes da Escola Secundária estão a reagir contra e a dar lições aos professores oportunistas e vira-casacas. Alguma coisa vai melhorando, ainda que lentamente. Veremos se será possível, ainda, reparar os estragos.»

«O jornal é lido de «fio a pavio» assim que chega. Devo dizer que é, actualmente, o único jornal que leio. Vale a pena lê-lo. **Só é pena que quem o deveria ler e meditar sobre o que ele diz, não o faça.»**

«Para a assinatura do nosso «Famoso» que, agora, como antes, continua a ser uma voz livre, de permanente apelo ao amor pelo Próximo, consubstanciado em actos, que não em palavras.»

«Venho trazer-vos o meu pequeno quinhão de Abril e lembrar-vos, mais uma vez, que O GAIATO é o meu jornal de cabeceira há mais de 20 anos.»

«Agradeço-vos de todo o coração o testemunho quinzenal. O Evangelho vivo, em lição de palavra e acho continua a brotar das páginas do jornal. É obra abençoada por Deus. Assim eu soubesse corresponder-lhe.

Abraça-vos o assinante agradecido.»

«Recebi hoje uma importância dum grande caloteiro (o Estado). Venho por isso pagar a assinatura doutro caloteiro (o meu marido). Junto 500$00. Talvez chegue para pôr em dia.»

VOZES de EMIGRANTES

«Perdão sr. Padre, pelo meu à vontade, mas sou uma pobre criatura que nunca tive instrução na vida. Só aprendi a ler e escrever aos 25 anos e só em seis meses, um dia por semana.

Agora, já tenho mais 30 anos e tenho trabalhado muito, graças a Deus, que é Ele a única força da minha vida, a fé que os meus queridos pais me ensinaram em pequena continua até agora; para mim foi a maior fortuna que Eles me deixaram. Que Deus os tenha bem juntinhos a Ele.»

«Gosto muito de O GAIATO, o qual leio com muito interesse. Gostaria que os meus três filhos o lessem, pois é até no nome do mais velho que eu o assino. Mas eles gostam pouco de ler português, porque têm mais dificuldade, mas devia ser até o que mais deviam ler. Como também já cá estão há 12 anos, é lógico que assim procedam, se bem que em casa se fala só português.»

«Neste mundo conturbado em que tanto se fala de socialismo e democracia, continuamos vivendo na maior das misérias e das maiores injustiças. Que Deus e Sua Bendita Mãe, na quadra que se aproxima que é o Natal, em que o Mundo comemora mais um aniversário do nascimento do Redentor, façam com que os homens se tornem mais humildes, mais democratas à semelhança de Deus.

Esta é a minha prece o meu desejo: que o Natal de 1976 seja, para toda a Humanidade, toque de rebate ao amor, à caridade e à humildade uns para com os outros, para que haja menos desprotegidos, menos fome, menos Pobres e mais igualdade.

Que a chama luminosa que Pai Américo vos legou jamais se apague.»

«Quando será que poderei voltar, ou pelo menos ir ao meu País e fazer-vos uma visita — coisa que sempre desejei e nunca consegui?

Vai-me consolando O GAIATO, o único que posso amar — que se deixa amar — e que me tem dado, também, muito amor; que não me deixa e sempre, periodicamente, me traz a alegria da sua visita — o que até o meu filho já não faz. O meu filho...!»

«O GAIATO vai chegando regular, o que não acontece com alguns jornais da Província, dos quais somos assinantes. Não sei a razão; será porque O GAIATO é O GAIATO e os outros são provincianos e não querem que nós saibamos o que se passa nas nossas terras? Os jornais existem, mas é que chegam-nos cá um às mãos de seis em seis meses...»

Correspondência de Família

«O nosso P.e Zé leva notícias velhas com sabor de novas, pelo que há muito as não tem.

Foi muito bom o nosso reencontro, na medida em que nos fez parar um pouco, em nosso corre-corre de dia-a-dia — e voltamos à origem.

Não que a tivéssemos esquecido, mas porque a lembramos com mais vigor e actualidade, apesar d'O GAIATO.

Quase não o conhecíamos pois muito tempo passou, desde os Olivais (?) até as grandes barbas!

Tivemos pena de não poder estar com ele longos momentos, mas os pequenos, esses, cremos que os aproveitámos bem: relembrámos, perguntámos por tudo e todos, percorremos os mesmos caminhos desde a Casa de Setúbal até

Cont. na 4.ª pág.

GRITO DE ANGÚSTIA

A mehsagem de Paulo VI para a Quaresma é mais um «grito de angústia lançado às comunidades cristãs e a todos os homens de boa vontade».

Vem mesmo a propósito do aniversário de O GAIATO, essencialmente dos Pobres,«dos sem pão, sem voz, sem defesa e sozinhos no infortúnio»!

A presença do Santo Padre, neste dia e nesta hora, é um complemento indispensável como incentivo à linha de rumo de O GAIATO. E o seu «grito de angústia em nome do Senhor» — «ide junto ao pobre Lázaro que sofre fome e miséria» — há-de fazer sangue em todos os olhos e ouvidos, por via do Sangue de Cristo.

Ouçamos Paulo VI:

«Eis novamente a Quaresma! Escutai-Nos um instante.

A Quaresma é um tempo favorável, o «tempus acceptabile» de que fala a Liturgia, a fim de nos prepararmos para celebrar dignamente o Mistério Pascal. É, sem dúvida, um tempo de austeridade; mas fecundo e já portador de renovação, como uma primavera espiritual. Devemos despertar as nossas consciências. Devemos reavivar o sentido do dever e o desejo de corresponder, concretamente, às exigências de uma vida cristã autêntica.

Dentro em breve fará dez anos que a Nossa Encíclica «Populorum Progressio», sobre o desenvolvimento dos povos, foi como que um «grito de angústia, em nome do Senhor», lançado às comunidades cristãs e a todos os homens de boa vontade. Hoje, neste início do tempo litúrgico da Quaresma, Nós desejaríamos fazer ressoar de novo esse apelo solene. O Nosso olhar e o Nosso coração de Pastor universal, de facto, continuam a ser profundamente impressionados pela multidão imensa daqueles que todas as sociedades do mundo deixam à beira do caminho, feridos no corpo e na alma, despojados da sua dignidade humana, sem pão, sem voz, sem defesa e sozinhos no infortúnio!

Experimentamos dificuldades, é certo, em compartilhar aquilo que possuímos, com o fim de contribuir para o desaparecimento das desigualdades de um mundo tornado injusto. E no entanto as declarações de princípios não bastam. Por isso, é necessário e salutar recordarmo-nos de que somos administradores dos dons de Deus e de que «a penitência do tempo da Quaresma deve ser não apenas interna e individual, mas também externa e social».

Ide junto do pobre Lázaro que sofre fome e miséria. Tornai-vos o próximo dele, a fim de que ele reconheça no vosso olhar, o olhar de Cristo que o acolhe e, nas vossas mãos, as mãos do Senhor a repartir os seus dons. Respondei deste modo, com generosidade, aos apelos que vos irão ser dirigidos nas vossas Igrejas particulares para aliviar os mais deserdados e para participar no progresso dos povos mais desprovidos de bens.

Nós queremos lembrar-vos as palavras do Senhor Jesus, que o Apóstolo S. Paulo conservou como algo precioso, para acudir aos Fracos: «há mais felicidade em dar do que em receber». E exortamo-vos a todos, amados Filhos e Filhas, a purificar assim os vossos corações, para acolherem as próximas celebrações pascais e anunciarem ao mundo a jubilosa nova da Salvação.»

Júlio Mendes

Voz dos Novos

Mais um! O GAIATO faz 33 anos.

Ao receberem este número os Leitores mais novos perguntarão: — Mas o jornal já é a duas cores!?

É só neste dia em que o «Famoso» faz anos.

A mensagem é a mesma de sempre; e, hoje, temos mais colaboração da parte dos nossos Leitores. O jornal não é só de alguns, é de todos.

Para vos apresentarmos assim um jornal graficamente bem organizado, foi preciso estudá-lo em equipa. Exactamente numa das aulas de Estética Gráfica.

Também neste jornal, e para darmos lugar aos nossos Leitores, não saem crónicas das nossas Casas; mas, mesmo assim, como um dos mais novos, não poderia deixar de dizer algumas palavras neste dia grande do nosso jornal, tão apreciado pelos Leitores em todo o País e até no estrangeiro. E a prova disso vem nas páginas interiores.

Que o aniversário do nosso jornal não seja o «papel»; mas penetre nos corações, para que melhor se abram à mensagem de Pai Américo e da Obra da Rua.

«Marcelino»

Colaboração dos Leitores

Cont. da TERCEIRA pág.

Paço de Sousa, de Lourenço Marques a Malanje, sofremos, partilhámos e desabafámos.

Ele lhe dirá de nós, da nossa casa (que mal conheceu), da Sónia, da Daniela, Dindinho, Lopes e família e do nosso trabalho também.

Ele não lhe dirá certamente da nossa admiração ao redescobrir em vós, Padres, o coração grande e continuamente sofredor pelos muitos Danieis, Litas, Carlos, Zés da lenha.

Ele não lhe dirá, certamente, que vai, mas que aqui deixou também um pouco do seu doer.

Creio que o que ele aqui deixou, foi um pouco da herança de Pai Américo — o Despertar, a Inquietação.

Faz-nos bem, ainda que inquiete e agite.

Conversámos. Não pensámos que a abertura de diálogo fosse tanta e franca.

Cremos que quisemos compensar as conversas não havidas em outros tempos. A nossa imaturidade e receios (não sei bem de quê!) não ajudaram.

Quiséramos nós, naquele tempo, ter a franqueza que um Quim (ex-carpinteiro) tem hoje para consigo.

Vos ajudaríamos muito mais, em vossa missão, nos libertaríamos muito mais de muitas dúvidas e problemas e até de outros rapazes.

Sabemos que é difícil esse diálogo espontâneo com nossos rapazes. Mais por eles, que por vós. Mas que comece a nível dos «Batatas», que se tente a níveis dos menos jovens e de chefes; mas sobretudo que nossos rapazes sintam a necessidade e a eficácia da conversa franca e aberta, pois amanhã, na vida profissional, posições terão que ser tomadas, dialogadas e discutidas.

Creio que estamos fugindo do que lhe queríamos dizer, mas Padre Zé Maria lho dirá, e também dos calos que leva, pelo muito andar.

Os abraços que ele leva para todos vós, aqui os endosso, são abraços saudosos e do coração.»

Setúbal

● O «Charrua» casou. Foi uma enorme alegria! Colher frutos maduros, saborosos, numa época em que eles rareiam tanto, é prazer indiscutível.

Ele fez, à noite, o seu curso industrial enquanto, de dia, trabalhou e aprendeu o ofício de serralheiro na nossa oficina.

Habilitado, foi-lhe fácil encontrar um lugar de trabalho razoavelmente remunerado.

Comprou um andar e mobilou-o. Saíu da nossa família para a sua, naturalmente com a que é agora sua esposa, a Maria Olinda. Temos fundamentadas esperanças de que as linhas do amor, da verdade e da justiça bebidas connosco ao longo de tantos anos serão o seu ideal. Contamos com o seu apoio. Mais, do que em qualquer tempo, os nossos adolescentes de hoje precisam de ver concretamente como se cresce na e para a vida!

Vem à nossa Casa, sempre que puderes, «Charrua». Traz contigo a tua esposa e, se Deus quiser, os filhos que encherem o teu coração de pai.

Não imites os que nos esquecem. Os mais novos precisam de ver a vossa felicidade, para, nela, encontrarem a sua!...

● O nosso Bispo veio estar connosco um dia. Partilhar a nossa vida e trazer-nos a Sua mensagem paternal. Recebemo-lo sem cerimónias, naturalmente, como os filhos recebem o Pai.

Deixou-nos uma palavra segura, reconfortante e exigente.

Eu tenho a consciência nítida de cuidar dos mais pobres, na Sua vez.

Venha, sempre que puder, se possível inesperadamente. Precisamos desse estímulo!

Padre Acílio

FESTAS

16 de Março — Teatro S. Pedro — ESPINHO

18 » » — Teatro Aveirense — AVEIRO

21 » » — Cine-Teatro Augusto Correia V. N. FAMALICÃO

24 » » — COLISEU DO PORTO
Bilhetes à venda: Espelho da Moda, Rua dos Clérigos 54 e bilheteiras do Coliseu

26 » » — Cine-Teatro João Verde MONÇÃO

28 » » — Cine - Teatro Santa Maria ARRIFANA — bilhetes à venda: Casa Ribas, S. João da Madeira e bilheteiras do Cine-Teatro

30 » » — Cinema S. Geraldo — BRAGA

1 de Abril — Teatro Ribeiro Conceição LAMEGO

20 » » — Teatro Avenida — VILA REAL
(Esta data foi alterada por conveniências locais)

1 de Maio — Teatro Avenida — COIMBRA
Às 15,30 e 21,30 h.

Os bilhetes estão à venda em cada uma das referidas salas

Gaiato
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa